



DOCUMENTO FINAL DO XIII CAPÍTULO GERAL DOS MISSIONÁRIOS DA SAGRADA FAMÍLIA

ROMA, OUTUBRO DE 2013

Caríssimos coirmãos, Missionários da Sagrada Família!

Em nome dos membros do XIII Capítulo Geral saúdo cada um de vocês em Jesus, Maria e José, e agradeço de coração a comunhão, o apoio e a oração de todos, especialmente durante as três semanas de realização da assembléia capitular.

Vivemos juntos o Ano Capitular, cuja conclusão foi a celebração do Capítulo Geral. Durante esse Ano, percebemos claramente a participação e o interesse de muitos de vocês. E imaginamos que vocês aguardam com expectativa as decisões e propostas no que se refere ao futuro da Congregação.

Como vocês sabem, os Capítulos são, nas suas respectivas esferas, “a mais alta instância extraordinária de decisão” (Const. 106). No XIII Capítulo Geral nos empenhamos na análise da situação da Congregação e tomamos algumas decisões, na esperança de que possam oferecer novos horizontes e novos impulsos à nossa missão (cf. Const. 111).

*Caros coirmãos! Estamos entregando nas mãos de vocês o **Documento Final do XIII Capítulo Geral**, e, ao mesmo tempo, convidando cada um a lê-lo e assimilá-lo pessoalmente e em comunidade. É um Documento que traz as marcas de cada um dos capitulares, e tem, como base remota, as reflexões e indicações enviadas por vocês mesmos e pelas Províncias.*

*Temos consciência de que não aprofundamos todas as questões que nos foram propostas, mas procuramos fazer o melhor e o máximo que nos era possível. Os coirmãos capitulares deixaram Roma com a expectativa de que esse Documento seja estudado, debatido, partilhado e colocado em prática. Mas, antes de tudo, é preciso lê-lo atentamente. Então, **boa leitura!***

Que a Sagrada Família nos ilumine, proteja e guie na nossa missão.

Em nome dos coirmãos capitulares e do novo Governo Geral,

Pe. Edmund Jan Michalski msf
Superior Geral

INTRODUÇÃO

1. Nos dias em que se realizou o *XIII Capítulo Geral*, nós, os capitulares, vivemos uma significativa experiência de fraternidade e de comunhão que ajudou a superar as fronteiras provinciais e linguísticas. No final dessas três semanas de oração, escuta, reflexão e discernimento, temos a alegria de partilhar com todos vocês alguns dos frutos cultivados e amadurecidos na assembléia capitular.
2. À luz do tema geral – ***Ser Missionários da Sagrada Família hoje*** – procuramos acolher e interpretar os sinais do nosso tempo para que possamos, como Congregação, anunciar o Evangelho de modo eloquente e participar ativamente na construção do Reino de Deus. Por isso, abordamos diversos aspectos da nossa missão e elaboramos algumas linhas inspiradoras e operativas para toda a Congregação. Estas linhas se referem ao conhecimento do mundo no qual vivemos, ao nosso carisma missionário, aos ministérios prioritários em favor das famílias e das vocações, à vida comunitária e às estruturas de animação e de governo.
3. Reconhecemos que estamos inseridos num mundo que muda continuamente, que vive um intenso processo de globalização, que revela uma preocupante tendência ao fundamentalismo, que promove um pensamento leigo e secular, que reforça o papel da sociedade civil e que deve fazer as contas com o ativismo. Como missionários, somos chamados a viver este específico momento da história como uma oportunidade, e a ser pessoas atualizadas, bem formadas, em condições de promover aqui e agora os valores do Reino de Deus.
4. Acreditamos que o nosso ser e o nosso agir missionários devem partir sempre de uma profunda experiência de encontro com Deus, à luz da Sagrada Família. Sustentados e desafiados por este encontro, somos enviados às fronteiras religiosas, sociais e culturais para testemunhar, dialogar, servir e anunciar o Reino de Deus, revelado por Jesus nas suas palavras e ações, e por ele confiado aos seus discípulos e discípulas.
5. Percebemos que é chegado o momento de assumir seriamente nossos *ministérios prioritários*: a pastoral das famílias e a pastoral das vocações. Tanto quanto destinatárias do nosso apostolado, as famílias são um importante recurso missionário na Igreja e no mundo de hoje. Desafiados pelo Pe. Berthier, sentimo-nos chamados a inovar nos métodos da pastoral das vocações, e a dar atenção especial às vocações que são desprezadas ou podem se perder.
6. Temos consciência das debilidades das nossas comunidades, mas cremos que o testemunho de fraternidade e de sentido de família permanecem sempre a primeira e insubstituível forma de missão. Por isso, queremos fazer de nossas comunidades espaços de acolhida humana, sem esquecer que seu dinamismo deriva da busca comunitária da vontade de Deus e do empenho na missão comum. O equilíbrio entre o respeito ao mistério e aos interesses de cada coirmão e a adesão ao projeto comunitário, assim como entre a valorização das próprias raízes culturais e o respeito à cultura dos outros, permanecem sempre um grande desafio.

7. Parece-nos que a renovação das estruturas de governo e de animação não é somente necessária, mas também vital. Para realizar esta renovação, precisamos pôr em ação um processo de reestruturação dialogal e inovador, que consiga adequar as estruturas à situação atual e concreta das Províncias e da Congregação. Esta atualização pede o reforço da congregacionalidade, a flexibilização das fronteiras provinciais e a ampliação das formas de participação.

I – CONHECER E HABITAR O MUNDO

Luzes e inspirações

8. “Vejam nos sinais dos tempos um desafio para as nossas atividades missionárias concretas” (DG 03; Const. 2). Para habitar o mundo de hoje temos que desenvolver algumas atitudes fundamentais. O progresso das ciências e da tecnologia nos inserem numa *época de contínuas mudanças* em muitos aspectos da vida: da economia (PIB, bolsa de valores, mundo financeiro, mercado livre, etc.); da comunicação (rádio, TV, telefone, satélite, redes, etc.); dos transportes (auto-estradas, automóveis, aviões, etc.); mobilidade social (migrações, etc.). Existem mudanças também na vida eclesial, como a renúncia do Papa Bento XVI, a eleição do Papa Francisco, proveniente não mais da Europa mas da América Latina, com seu modo de servir.
9. Neste mundo identificamos os *sinais dos tempos*, sinais que têm aspectos positivos e negativos. Entre os *sinais com aspectos predominantemente positivos* temos a melhoria das condições de saúde das pessoas, com uma vida melhor e mais longa; o surgimento de uma sociedade civil que assume um papel sempre mais importante; o crescimento da atenção à criação e à necessidade de salvaguardá-la. As relações são globalizadas, todas as pessoas se sentem no mesmo nível e não se relacionam mais de cima para baixo (top – down). No mundo da interconectividade não existe mais uma hierarquia, mas a participação paritária. A dimensão da igualdade é sentida com muita força, e nós precisamos aproveitar esta mudança global.
10. Entre os *sinais dos tempos com aspectos predominantemente negativos* estão: a alarmante divisão e distância entre ricos e pobres e a falta de diálogo; o mundo se tornou uma aldeia global, desapareceram as fronteiras nacionais, culturais e linguísticas, mas surgem pequenos grupos ou guetos humanos, com o risco do fundamentalismo, que delimita novas fronteiras. Outros sinais com valência marcadamente negativa são o individualismo, o secularismo, a indiferença, a perda das referências éticas (cf. AG 6; 23).

Pistas operacionais

11. Sem perder a própria identidade, precisamos *cultivar uma atitude de abertura e evitar a autoreferencialidade*, pois esta nos leva a um curto-circuito.
12. Precisamos também *superar o medo da novidade*, e acolher e assimilar as coisas boas (como os MCS, por exemplo).

13. Um dos testemunhos que podemos dar ao mundo *é nossa comunhão como família religiosa*, e isso deve expressar-se na *congregacionalidade*: cultivar os vínculos em torno do nosso carisma e espiritualidade, saindo do gueto do provincialismo; fazer-se 'próximo daqueles que estão longe', daqueles que são excluídos; viver com alegria o Evangelho, que sempre conduz a uma vida plena (cf. Const. 2; DG 01).
14. A pobreza e a vida simples da Sagrada Família são para nós *um exemplo e um ponto de referência* que nos impulsiona a ir 'àqueles que estão longe', nos múltiplos sentidos da expressão: os doentes, os pobres, os excluídos, os dependentes químicos, os desempregados, etc. (cf. Const. 5; DG 011).
15. Todas as nossas iniciativas começam com a oração que pede a intercessão da Sagrada Família, e, na oração, nos encontramos com as pessoas necessitadas. Como Congregação, *cultivemos o espírito de comunhão e o sentido de proximidade* para, sob a inspiração da Sagrada Família, levar todos os homens e mulheres e formar uma única família (cf. Const. 5; DG 010).
16. Precisamos *cultivar um contato direto com a realidade* (ver, escutar, observar e interpretar). *Vivamos próximos dos que estão longe* e dos pobres, e procuremos ser para eles sinais vivos do Evangelho (votos religiosos e vida comunitária). Depois de conhecer o mundo, é necessário interpretá-lo (nas perspectivas antropológica, social, econômica, política, etc.). A partir desta análise, refletimos sobre o nosso carisma, sobre a Sagrada Escritura e sobre a Tradição da Igreja para *encontrar critérios que orientem uma atitude responsável diante da realidade*.
17. *Aproveitemos da globalização para evangelizar todos*, especialmente os jovens.
18. Promovamos a congregazionalidade e a inter-congregacionalidade, começando já no período da formação inicial.

II – RENOVAR A EVANGELIZAÇÃO E DINAMIZAR AS MISSÕES

Luzes e inspirações

19. Estamos convictos de que o Evangelho, sem deixar de ser uma notícia boa e libertadora *para todos os seres humanos*, o é especialmente para os 'últimos', para 'aqueles que estão longe', ou seja: para as *vítimas* das estruturas sociais injustas.
20. Sublinhamos que a finalidade da missão é anunciar, realizar e celebrar o Reino de Deus, a *shalom* para toda a criação, que é graça e iniciativa de Deus mas depende também e sempre das iniciativas das comunidades cristãs. O próprio Jesus teve o Reino de Deus como horizonte absoluto da sua vida: tudo aquilo que fez e disse é o Reino de Deus. Portanto, *testemunhar o Reino é a primeira e insubstituível forma de missão*.
21. Sentimo-nos chamados a continuar a missão de Jesus Cristo. A *missio ad gentes* é a presença ativa dos cristãos, como fermento e sal, nas *fronteiras geográficas e religiosas* (onde estão as pessoas que ainda não chegaram à fé ou a perderam); às *fronteiras sociais* (onde a Vida está ameaçada); e às *fronteiras culturais* (o mundo da pesquisa e

do conhecimento) [cf. RMi, 37]. Como nos ensina o Papa Francisco, é preciso ir às periferias. Assim, a *missio ad gentes* se torna *missio cum gentibus*. E para realizar bem essa missão hoje, temos necessidade de uma fé profunda, de um amor lúcido e de uma boa formação teológica, sócio-antropológica e técnica.

22. Acreditamos que a missão seja *um mandato confiado a todas as Igrejas e à Igreja toda*, mas hoje *os leigos e leigas nela assumem um papel ativo especial*. Portanto, somos chamados a sensibilizá-los e a oferecer a eles as condições necessárias para que possam realizar de modo levar a cabo adequadamente essa missão.
23. Afirmamos que *o mundo inteiro é hoje terra de missão*, inclusive a Europa, mas as Igrejas particulares, abertas à colaboração de outras, devem eleger os métodos mais adequados ao contexto no qual vivem. A missão não tem como motivação levar Deus, mas ajudar a perceber que Ele já está presente em toda parte (diálogo e inculturação).
24. Queremos recordar que, com sua vida, o Padre Berthier nos ensina que, mesmo se pessoalmente não somos enviados às missões de fronteira, *precisamos cultivar um coração e uma mente missionária*.

Pistas operacionais

25. Nomear e fazer funcionar nos diversos níveis (congregacional e provincial) *Comissões para a Missão*, encarregadas de projetar, animar, coordenar e monitorar a vida e os projetos missionários.
26. Desenvolver um amplo e sério programa de *'conversão missionária'* das Paróquias a nós confiadas, começando pela atualização dos párocos e vigários.
27. Criar *comunidades, preferencialmente internacionais*, inseridas nas situações de fronteira social, cultural ou religiosa, tanto nas Igrejas jovens como nos territórios de antiga cristandade.
28. Organizar nas Províncias *centros de estudo, formação e animação missionária*, a fim de formar uma nova geração de leigos e leigas missionários e ajudá-los a realizar sua missão no mundo e na Igreja.
29. Desenvolver um programa de formação missionária básica, já durante o período da formação inicial, conforme as *Linhas Gerais para a Formação*.

III – IMPULSIONAR A PASTORAL DAS FAMÍLIAS

Luzes e inspirações

30. A partir de um olhar geral, constatamos que as Províncias situadas nas diversas regiões do mundo percebem uma grande transformação social, econômica e espiritual das famílias.

31. *Por um lado*, percebemos que cresce a abertura e a disponibilidade de muitas famílias à participação ativa na pastoral da família que lhes é proposta.
32. *Por outro lado*, são visíveis alguns aspectos negativos: crise do matrimônio como instituição social e eclesial; crise dos valores da família; famílias desagregadas por causa da migração ou do divórcio; divulgação de uma mentalidade anti-família; efeitos negativos da globalização (secularismo, relativismo ético e moral, pobreza, instabilidade social); leis civis que atentam contra o matrimônio natural; surgimento de novos 'modelos' de família (como casais do mesmo sexo; grupos de simples convivência; etc.), apresentados como equivalentes à família tradicional, ao modelo segundo o projeto de Deus.
33. *Este projeto de Deus a respeito da família* pode ser descrito com as seguintes palavras: a família é uma comunidade de vida e de amor, fundada sobre o matrimônio entre um homem e uma mulher (cf. GS 48). *A família é imagem de Deus*, que não é solidão mas mistério de comunhão, família. Na comunhão de amor com o Pai, o Filho e o Espírito Santo as famílias encontram sua própria origem, seu modelo perfeito, sua motivação e seu destino último.
34. Como Missionários da Sagrada Família *precisamos ter um conceito claro de família*, um conceito que seja ponto de referência para definir nossa pastoral das famílias, conforme a cultura específica das regiões onde estamos presentes.

Pistas operacionais

35. A família como tal é um campo muito amplo. Por isso queremos, antes de tudo, indicar, em *linhas gerais*, algumas *prioridades* ou *características* fundamentais da nossa pastoral das famílias, e, em segundo lugar, enumerar concretamente algumas *possibilidades pastorais*.
36. As famílias não são apenas *destinatárias* da nossa atenção pastoral, mas também *agentes e colaboradoras*. Por isso, precisamos ajudá-las a descobrir e desenvolver a própria vocação na Igreja e no mundo. Nisso pode ser útil a proposta dos *Amigos dos Missionários da Sagrada Família*.
37. Pedimos que o Governo Geral promova *encontros congregacionais para os responsáveis pela pastoral das famílias nas Províncias*, preferentemente no território das nossas Províncias, e não necessariamente em Roma.
38. Sentimo-nos chamados a *acompanhar as famílias em todas as etapas e circunstâncias da vida*.
39. Queremos também *dar à pastoral das famílias uma perspectiva vocacional*.
40. Os métodos pastorais devem ser adaptados à cultura do local ou região onde atuamos.
41. Comprometemo-nos a oferecer, tanto na etapa da formação inicial como da formação permanente, elementos concretos para desenvolver a pastoral das famílias.
42. *Possíveis atividades no âmbito sacramental*: valorizar as diversas festas (dia dos pais,

das mães, das crianças, dos vovôs); celebrar os aniversários de casamento; enfatizar a semana da família; etc.

43. *Possíveis atividades no âmbito formativo*: organizar encontros para namorados, noivos e novos casais; preparar e veicular programas sobre o tema da família nos MCS (rádio, web, etc.); organizar 'escolas' para pais de família; oferecer cursos de formação aos leigos e leigas interessados pela pastoral das famílias; oferecer cursos sobre a pastoral da família para os presbíteros jovens; formar nossos especialistas e organizar equipes responsáveis pela pastoral das famílias nas paróquias e Províncias.
44. *Possíveis atividades no âmbito do acompanhamento*: aproveitar os movimentos familiares eclesiais que já existem para acompanhar os casais e famílias (ENS, Encontro Matrimonial, etc.); organizar centros de assistência à família; oferecer programas de férias para as famílias; propor missões populares focalizadas na família; oferecer acompanhamento às pessoas separadas ou divorciadas; dar atenção às situações de violência doméstica (especialmente contra as mulheres, as crianças e os idosos).

IV – REAVIVAR A PASTORAL DAS VOCAÇÕES

Luzes e inspirações

45. Os jovens são o futuro da Igreja e da sociedade, mas o futuro é construído sobre o presente. Os jovens de hoje muitas vezes parecem confusos, inseguros por causa da falta de trabalho, 'estão longe' em vários sentidos. Mas também têm sede de vida, de amor, de beleza, de justiça, daquilo que é duradouro e espiritual. Os jovens são sempre generosos, muito generosos, mas querem ser levados a sério, e não aceitam serem tratados como se fossem crianças ou menores de idade.
46. Nosso Fundador nos convida a viver a vida não como um dever, mas como um serviço e uma responsabilidade pelos jovens. *Um dos grandes ideais do Padre Berthier foi acompanhar o desenvolvimento da vocação dos jovens. A decisão de ser Missionário da Sagrada Família implica em assumir este empenho em primeira pessoa, pois faz parte da nossa identidade. "Para podermos realizar nossa finalidade missionária, o apostolado vocacional é para nós uma tarefa séria" (Const. 3). Portanto, espera-se de nós que ajudemos os jovens no seu amadurecimento.*

Pistas operacionais

47. Antes de tudo, destacamos que é preciso levar a sério e colocar em prática as reflexões e propostas das *Linhas Gerais para a Pastoral Vocacional dos Missionários da Sagrada Família*, publicadas pelo Governo Geral em janeiro de 2012.
48. E acrescentamos as seguintes *propostas*: reavaliar nossa prática e retomar o acompanhamento e a acolhida das vocações adultas; organizar centros juvenis; promover acampamentos, peregrinações e atividades de férias para os jovens; oferecer encontros para jovens trabalhadores; dinamizar a pastoral dos coroinhas e acompanhar os grupos de escoteiros.

V – CULTIVAR A VIDA COMUNITÁRIA E A CONGREGACIONALIDADE

Luzes e inspirações

49. Deus se revela em modo comunitário porque é comunidade. O Filho de Deus se encarna escolhendo uma comunidade concreta, a família de Nazaré. Jesus não vive nem realiza sua missão sozinho: ele reúne em torno a si uma comunidade de irmãos e discípulos, *uma nova família que se dedica à busca do Reino de Deus e ao anúncio do Evangelho.*
50. Como Missionários da Sagrada Família, queremos formar a família dos filhos do Padre Berthier e viver nosso carisma missionário em comunidades fraternas. “Chamados por Deus a participar da missão de Cristo, unimo-nos entre nós pelos votos para formar uma comunidade a caminho para Deus e consagrada ao serviço do Evangelho. Pela vida em comunidade fraterna, formamos um tipo de comunidade cristã e damos testemunho do Evangelho de Cristo...” (nº 31).
51. Ser Missionário da Sagrada Família hoje significa *viver a nossa vocação como comunidade de discípulos e irmãos de Jesus Cristo.* Jesus nos chama a estar com Ele e a participar da sua vida, da sua intimidade – que é comunitária – e a fazer dela uma experiência cotidiana, permanecendo com Ele no Tabor e sentindo-nos enviados por ele em missão. Por isso, a vida comunitária e fraterna é essencial para a vida religiosa e missionária.
52. *A vida comunitária representa hoje um grande desafio.* Como podemos construir comunidades nas quais os coirmãos possam se sentir valorizados na missão e possam dar o melhor de si mesmos à Congregação?
53. Para viver bem nossa consagração ao Reino de Deus não existe outro caminho senão *viver nossa vocação com Jesus, na comunidade de irmãos,* onde se busca comunitariamente a vontade de Deus. A acolhida, a hospitalidade e o respeito à singularidade de cada coirmão, o diálogo e a partilha de vida, serão sinais do Reino, testemunhos do seguimento de Cristo e expressões fundamentais da missão.
54. Por isso, viver nossa vida comunitária e apostólica como Missionários da Sagrada Família hoje, significa *ser testemunhas da vida comunitária no mundo de hoje.*
55. A própria Igreja nos ensina que *a primeira forma de missão dos religiosos é o testemunho de fraternidade* (cf. *Vita Consecrata* 51, 72).
56. Aqui podemos dizer com franqueza que ser religioso Missionário da Sagrada Família hoje significa viver a nossa vocação na Comunidade (*Domus* ou *Unio Stationum*). O Padre Berthier dizia que é bom estar com os amigos. E os coirmãos da comunidade é nosso companheiro na missão.

Pistas operacionais

57. *Precisamos desenvolver uma visão clara sobre a nossa comunidade e ter uma orientação séria para viver em comunidade.*

58. Como Missionários da Sagrada Família precisamos cultivar o *espírito de congregacionalidade*, amadurecendo a disponibilidade para formar comunidades internacionais e interculturais.
59. Já na pastoral vocacional, precisamos *oferecer elementos de discernimento para um projeto de vida comunitária* (cf. DG 024, 048; Const. 27, 35), sem esquecer que a vida comunitária é um testemunho que favorece a pastoral das vocações.
60. Cremos que é importante que o *nosso processo de formação inicial e permanente seja orientado à vida comunitária*, não apenas como esta fosse uma etapa passageira, mas como um fecundo e essencial elemento de vida dos formandos e demais coirmãos.
61. Não podemos considerar a nossas atividades e momentos comunitários (retiros mensais, formação permanente, oração das laudes e véspersas, encontros, etc.) como secundários em relação às atividades paroquiais ou outros trabalhos apostólicos.
62. Somos chamados a *construir comunidades de amor e respeito mútuo que favoreçam nossa conversão ou passagem do “eu” ao “nós”*. E aqui é preciso também o empenho no combate às rivalidades e conflitos, em vista da cooperação na missão.
63. Precisamos construir comunidades nas quais haja diálogo maduro e partilha e revisão de vida, a fim de que cheguemos a ser cristãos, religiosos e Missionários da Sagrada Família.
64. Dos *Superiores locais* esperamos que sejam irmãos entre os irmãos, que se façam próximos e partilhem a missão como numa família, que tenham capacidade de liderança comunitária, que sejam convictos de que todos os membros são co-responsáveis pela vida da comunidade (cf. Const. 31).
65. *Outras características* de um Superior local são: atitude de escuta e diálogo; maturidade humana, sabedoria e dedicação ao serviço; agudo senso do bem comum; disposição para atuar colegialmente com seu Conselho; capacidade de coordenar o planejamento da vida da comunidade; ser aceito e reconhecido pela comunidade.
66. Dada a complexidade dessa missão, *pede-se que o Governo Geral promova cursos para os Superiores locais*.
67. Para viver nossa vida comunitária em espírito congregacional, precisamos *melhorar a comunicação entre o Generalado e as Províncias, e também entre as próprias Províncias* (informações, cartas, fotos, e-mails, etc.). Ao mesmo tempo, precisamos estar atentos a fim de que os MCS não nos afastem uns dos outros e distanciem aqueles que estão próximos.
68. Considerando que a maioria dos coirmãos vivem em comunidades organizadas como *Unio Stationum*, é necessário *planejar inteligentemente a vida comunitária*. Os governos provinciais estejam atentos e acompanhem de perto estas comunidades e seu planejamento.
69. Destacamos as seguintes *características essenciais a uma autêntica comunidade MSF*: vida simples, transparente (economia comunitária) e sem luxo; diálogo e respeito

mútuo (comunidade misericordiosa); espiritualidade eucarística; atuação profética; solidariedade com os pobres.

VI – ATUALIZAR AS ESTRUTURAS DE GOVERNO

Luzes e inspirações

70. Sabemos que as estruturas não têm finalidade em si mesmas e não são imutáveis. As nossas atuais estruturas de governo e de animação são uma resposta aos apelos de atualização que o Concílio Vaticano II dirigiu à Vida Consagrada, e estão a serviço da nossa vocação e missão comuns: *ser uma comunidade de irmãos* unidos em Cristo, no caminho para Deus e a serviço do Evangelho e da missão da Igreja (cf. Const. 1; 31; 89).
71. O presente Capítulo Geral tomou consciência do tempo de mudanças que estamos vivendo e da nova situação das Províncias. Por isso, propomos algumas *mudanças e atualizações* em relação ao papel do Governo Geral e à possibilidade de reestruturar a Congregação e reorganizar as Províncias, sempre com o objetivo de responder melhor às necessidades do nosso tempo.

Piastas operacionais

72. Como sabemos, o papel do Governo Geral é animar a vida dos coirmãos e zelar pela nossa identidade comum. Para cumprir essa missão, deve se ocupar da vida, da espiritualidade e do apostolado da Congregação e *insistir sobre nosso carisma específico*: missões, vocações e família. Portanto, além das competências descritas nas Constituições, o Governo Geral deve:
- Promover a identidade dos Missionários da Sagrada Família, estimulando estudos em torno do nosso carisma e da pessoa e da espiritualidade do Padre Berthier;
 - Empenhar-se na superação do 'provincialismo', em vista da 'congregazionalidade';
 - Definir claramente o papel dos Assistentes e suas responsabilidades em relação ao próprio Governo, às Províncias e às regiões, inclusive considerando a possibilidade de nomear outros coirmãos como serventuários;
 - Nomear Comissões ou Secretariados (para a Formação, para a Missão, para a Família, para as Vocações, e outras que forem necessárias) e definir seu caráter, seu objeto e seu papel;
 - Tomar decisões corajosas, especialmente nas situações difíceis e críticas das Províncias (cf. Const. 171);
 - Transferir coirmãos, considerando as necessidades da Congregação e em acordo com os Governos Provinciais;
 - Envidar esforços para melhorar a comunicação interna da Congregação.
73. Consciente de que as atuais estruturas da Congregação precisam ser repensadas, o *XIII Capítulo Geral* refletiu e tomou as seguintes decisões:
- Que o Governo Geral nomeie, dentro de um ano, uma *Comissão de Reestruturação*, com representantes das diversas Províncias envolvidas, um membro do Governo Geral e um perito na área do Direito;
 - Que se estabeleçam com brevidade e clareza as etapas do processo de reestruturação, (incluindo os encontros da própria Comissão, os encontros das

regiões envolvidas e os encontros com os próprios coirmãos), a fim de preparar propostas concretas e apresentá-las ao Conselho da Congregação;

- Com o auxílio desta Comissão, o Governo Geral estude a possibilidade de unificar as três Províncias do Brasil, assim como as três Províncias de língua hispânica.

CONCLUSÃO

74. Neste Documento, recolhemos e apresentamos as **linhas inspiradoras e operativas** do *XIII Capítulo Geral* em relação aos cinco temas sobre os quais refletimos. São perspectivas de aprofundamento e de ação para diversos aspectos da nossa vida. Com isso, indicamos algumas *possibilidades ou percursos* para sermos Missionários da Sagrada Família nos dias de hoje. Além do Governo Geral, as Províncias e Comunidades, assim como cada um nós, são convocadas a conhecer, discutir, aprofundar e adaptar estas linhas à própria situação.
75. Ao finalizarmos, queremos recorrer de novo à inspiração da períclope de Mateus 9,35-38. Mateus nos diz que, movido pela divina compaixão, *Jesus percorre todas as cidades e aldeias, ensinando, anunciando o Evangelho do Reino e curando toda doença e enefernidade*. Totalmente imerso nessa missão, Jesus toma consciência de que as necessidades são superiores aos recursos dos quais dispõe. Nesse contexto, recomenda aos discípulos que peçam ao Senhor da messe os operários que faltam.
76. Temos a convicção de que, na medida em que formos Missionários da Sagrada Família do nosso tempo, apaixonados pelo Evangelho e pelo povo, podemos pedir e esperar do Senhor os missionários dos quais a Congregação, a Igreja e o mundo têm necessidade. De fato, acreditamos que se o Senhor nos chama hoje, também nos capacita e nos dá a força que necessitamos para responder aos desafios do mundo atual. “Não fostes vós que me escolhestes; fui eu que vos escolhi e designei, para dardes fruto e para que o vosso fruto permaneça” (Jo 15,16).

Roma, 20 de outubro de 2013
(Jornada Mundial das Missões)

APÊNDICE

OUTRAS DECISÕES DO XIII CAPÍTULO GERAL

O Capítulo elegeu a seguinte equipe de **Governo Geral**: Pe. Edmund Jan Michalski (Superior Geral, da Polônia); Pe. Agustinus Purnama (Assistente e Vigário Geral, de Java); Pe. Julio Cesar Werlang (Assistente, do Brasil Meridional); Pe. Patrice Ralaivao (Assistente, de Madagascar); Pe. Bogdan Mikutra (Assistente, da Polônia).

Respondendo ao pedido explícito da Província da Suíça, de acordo com o n° 95 das Constituições, o Capítulo Geral decidiu pela **supressão da Província da Suíça**. Cabe ao Governo Geral, em diálogo com os coirmãos daquela Província e com a ajuda de uma Comissão especial, estabelecer o modo e os passos da realização desta decisão, dentro do prazo máximo de dois anos.

A presença dos Missionários da Sagrada Família será mantida na região de proveniência do nosso Fundador e, dentro de um ano, a Comunidade de Saint Jean de Bournay passará à responsabilidade do Governo Geral. Depois de analisar a situação, o Capítulo Geral decidiu pela **supressão desta Província da França**, de acordo com o n° 95 das Constituições. Cabe ao Governo Geral, em diálogo com os coirmãos daquela Província e com a ajuda de uma Comissão especial, estabelecer o modo e os passos da realização desta decisão, dentro do prazo máximo de dois anos.

O Capítulo decidiu **afastar temporariamente (por dois anos) o atual Governo da Província Brasil Setentrional e nomear um interventor** que, em nome do Governo Geral e com base nas decisões capitulares da referida Província, coloque em prática as iniciativas já decididas ou apresentadas. Esta decisão deverá ser realizada até o mês de março de 2014.

O Capítulo concedeu ao Conselho da Congregação a competência de decidir, segundo as linhas definidas neste mesmo Capítulo e respeitando o Direito Canônico e as Constituições, a supressão das Províncias que se tornarão Comunidades subordinadas ao Generalado ou a fusão de diversas Províncias. Esta autorização permanece em vigor até o próximo Capítulo Geral.

O Capítulo decidiu **criar o Fundo Solidário da Congregação**, com contribuição diferenciada de todas as Províncias, que será administrado pelo Governo Geral e estará a serviço das Províncias mais necessitadas, especialmente para a formação (inicial e permanente) e para as missões. As regras para constituição, administração e uso deste Fundo serão propostas posteriormente pelo Governo Geral, com a ajuda de uma Comissão especial, e apresentadas para a discussão e aprovação ao Conselho da Congregação em 2015.